

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

**CAROLINA AVENA GARCIA DE OLIVEIRA**

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS EM PORTO ALEGRE  
DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19:  
relatos docentes**

Porto Alegre, RS  
2022

**CAROLINA AVENA GARCIA DE OLIVEIRA**

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS EM PORTO ALEGRE  
DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19:  
relatos docentes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dorcas Weber

Porto Alegre, RS

2022

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família pelo constante apoio em minhas decisões, pelo incentivo que sempre me deram nos estudos, e principalmente, pelo amor que me proporcionaram incondicionalmente.

À minha orientadora Dorcas, pelos conselhos; pela organização e dedicação como professora e orientadora, que me inspiram; pela luz e paz que me trouxe toda vez que me vi em escuridão de ideias.

Às minhas amigas, Estela, Lorena e Luísa, que estiveram presentes na minha vida em todos os momentos, nos bons para celebrar e nos não tão bons para me amparar.

## RESUMO

Este presente trabalho de conclusão de curso, possui temática voltada para o Ensino de Artes Visuais nas escolas durante o período de pandemia da COVID-19, buscando relatos de realidades específicas, e analisá-los com base na literatura existente sobre o tema. Com o intuito de compreender como os professores adaptaram suas estratégias no ensino de Artes Visuais, promoveu-se uma pesquisa bibliográfica, seguida de um planejamento de questões inquietantes que surgiram durante o estudo e, a partir disso, foram realizadas entrevistas com quatro professores de Artes Visuais, que atuaram em escolas de Porto Alegre durante a pandemia. Tendo em consideração a análise final das entrevistas, pode-se entender que mesmo com tantas dificuldades enfrentadas, os professores conseguiram, dentro de suas possibilidades, modificar e adaptar constantemente suas estratégias, motivadas por uma necessidade de amparar a aprendizagem dos alunos.

**Palavras-chave:** Ensino de Arte; Artes Visuais; Pandemia; COVID-19.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Histórico Escolar: em referência aos déficits futuros na educação pública, principalmente. A incerteza do aprendizado, sobretudo na primeira infância.....	28
Figura 2 - Fotografia da Série “Where Children Sleep” .....	37
Figura 3 - Mascorona.....	38

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO MOMENTO: PERCURSO DA PANDEMIA.....	10
2. TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO.....	12
3. ENSINO DE ARTES VISUAIS NA CONTEMPORANEIDADE...	16
4. REALIDADES DO ENSINO DE ARTE NA PANDEMIA.....	20
4.1. QUESTÕES DISPARADORAS.....	20
4.2. APRESENTAÇÃO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS.....	23
4.3. PANORAMA: DIÁLOGOS SOBRE O ENSINO.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICE.....	53

## INTRODUÇÃO

Os últimos semestres do curso de graduação em Licenciatura em Artes Visuais têm apresentado para mim, cenários e possibilidades que cativaram minha atenção. Pude atuar como monitora em um curso de extensão sobre direito à educação em tempos de pandemia, fui tutora em diversas palestras direcionadas a esse tema e, em meus projetos de estágios de docência, elaborei materiais didáticos e planejamentos nos quais tenho levado em conta a situação pandêmica e a utilização de tecnologias digitais para propor práticas pedagógicas de modo remoto totalmente *online*. Além disso, tenho disponibilizado esses projetos educacionais em meu site, disponível em <https://carolinaavena.wixsite.com/artesvisuais>. Estas ações, das quais participei de distintas formas, desencadearam em mim o interesse em ir além destas vivências e torná-las parte de uma pesquisa acadêmica, que se concretiza sob a forma de trabalho de conclusão de curso.

Este tema se tornou importante para mim porque, durante minha formação, a crise gerada pela pandemia da COVID-19, fez com que muitas disciplinas tenham sido realizadas de modo remoto, incluindo os estágios de docência e outras atividades de extensão. Percebo, também, que como futuros professores precisamos nos adaptar para uma nova era da educação, a era do uso de tecnologias digitais, de práticas remotas e/ou híbridas, de um ensino digital, *online* atualizado e funcional. Essa adaptação já era necessária muito antes, mas creio que com a pandemia as escolas e os professores foram incitados e, até, pressionados a integrar as tecnologias em suas aulas.

A docência é uma eterna busca, um eterno estudo. Não existe resposta, não existe receita, não existem instruções ou manual que explique como lecionar acertadamente. Na pandemia, ficou claro o quanto a docência precisa estar em constante movimento, buscando novos caminhos que se aproximem das pessoas e de suas realidades. Este tem sido um momento histórico, no qual há muitos movimentos na educação e, por consequência, também na arte-educação. Para que futuramente seja possível promover maiores estudos sobre o assunto, propõem-se esta pesquisa, no qual toma-se como foco o

ensino das Artes Visuais em tempos de pandemia e de ensino remoto, na busca por compreender como os professores entrevistados de distintas instituições de ensino adaptaram suas práticas pedagógicas.

Para esta monografia se utilizou o método de pesquisa qualitativa na qual foram programados três significativos momentos em seu itinerário de estudos. Primordialmente, foi realizada uma pesquisa teórica, embasada nos livros e artigos sobre o ensino de Artes Visuais e tecnologias digitais educativas na contemporaneidade. Num segundo momento, tendo em vista a pandemia da COVID-19, foram elaboradas questões categóricas sobre a educação em Artes Visuais durante este período, para entrevistar professores de redes de ensino distintas (municipal, estadual, federal, e privada), a fim de compor um panorama descritivo como registro das ações que vêm sendo desenvolvidas pelos entrevistados. As indagações e disparadores para as entrevistas foram compostos tendo em vista estar a par de estratégias de adaptação, possibilidades e dificuldades encontradas no ensino das Artes Visuais realizadas em modo remoto, considerando as particularidades e vivências de cada relato. A partir do desfecho dessas entrevistas, no terceiro momento, foi realizada uma análise dos dados obtidos, levando em conta e dialogando com as assimilações oriundas da pesquisa teórica em livros e artigos desempenhada no primeiro momento da pesquisa. Portanto, este estudo teve como objetivo, compreender as estratégias que os professores de Artes Visuais atuantes em Porto Alegre entrevistados utilizaram para desenvolver suas aulas durante o período de pandemia da COVID-19 nos anos de 2020 e 2021 e investigar como essas mudanças refletem na ação e na formação docente.

Com a pandemia da COVID-19, fez-se necessário inventar outras formas de ensino e aprendizagem, distintas daquelas a que vínhamos acostumados, com isto, surge o ensino remoto. Este, acabou por se caracterizar em uma experiência totalmente diferente e nova para muitos professores em todo o país. Os desafios enfrentados pelos docentes foram diversos, desde o uso de aparatos tecnológicos, até a adaptação e criação de recursos didáticos. No contexto do ensino de Artes Visuais, além destes, outros desafios foram desvelados, tais como a adequação de práticas que fazem uso



de espaços e recursos específicos e de proposições coletivas e colaborativas que eram realizadas de modo presencial. À vista disso, instigou saber que estratégias professores de Artes Visuais entrevistados, que atuaram em Porto Alegre no momento, utilizaram para adequar suas aulas no período de ensino remoto, em 2020 e 2021. Buscar sanar esta inquietação foi o caminho para compreender a capacidade de adaptação do espaço escolar e do trabalho docente frente às divergências que a pandemia da COVID-19 despontou.

## **1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO MOMENTO: PERCURSO DA PANDEMIA**

Em dezembro de 2019 a Organização Mundial de Saúde (OMS) recebeu uma notificação da China sobre inúmeros casos de pneumonia grave. Tratava-se de um novo coronavírus, cuja origem ainda hoje, 2022, não possui uma comprovação, apenas hipóteses. Em 11 de fevereiro de 2020, o novo coronavírus, causador da doença COVID-19, foi então nomeado por “SARS-CoV-2” e, foi somente em março que a OMS a classificou esta doença como pandemia.

No Brasil, o Ministério da Saúde declarou a transmissão comunitária em março de 2020, com isso, infectologistas de todo país pediram para que a população evitasse aglomerações e para que as pessoas permanecessem em casa. Com essa recomendação, diversas instituições do país como escolas, universidades e creches tiveram que suspender suas atividades com o intuito de evitar mais transmissões da doença.

Com uma taxa de transmissão altíssima, com o descuido e a subestimação da população com relação à gravidade da doença, grande parte influenciada pelo próprio presidente do Brasil, a doença que se multiplicava acabou resultando em milhares de mortos.

A partir de tantas mortes, da necessidade da população em ficar em casa e de um governo irresponsável, o país que já vinha enfrentando uma crise econômica, teve mais um impacto econômico negativo, altas taxas de desemprego, empresas falindo e, além disso, o crescimento da inflação em todos os setores. Naquele momento, os governadores e prefeitos em cada estado tiveram autonomia para decidir as normas que seriam adotadas localmente, durante a pandemia, por meio de decretos. Com estes puderam direcionar como seriam realizados os serviços essenciais e como seriam as aulas nas escolas.

No contexto educacional do Rio Grande do Sul, é importante ressaltar que entre decretos, publicados por instâncias governamentais, estaduais e municipais, as escolas abriram e fecharam algumas vezes, dependendo da

situação da necessidade de controle e estratégias adotadas pelo estado e/ou pelos municípios. Em abril de 2021, passado um ano de aulas remotas, professores e pais de alunos participaram de uma carreata pedindo o retorno das atividades presenciais nas escolas de Porto Alegre. Mesmo assim, as aulas presenciais continuaram suspensas, visto que a cidade ainda se encontrava em situação de alto índice de contaminação pelo Coronavírus.

Sob pressão da sociedade, que pedia o retorno das aulas presenciais nas escolas, muitas instituições adotaram o nome de “ensino híbrido” para chamar a modalidade que abrange aulas com atividades presenciais e também remotas. Inicialmente, nos momentos presenciais, as escolas foram obrigadas a cumprir com protocolos sanitários, como dispor de álcool gel, equipes que monitoravam e higienizam ambientes, uso obrigatório de máscara, salas ventiladas com ocupação máxima e demarcação de distanciamento entre alunos e professores.

Em meados de março de 2022, as escolas voltaram ao ensino totalmente presencial, visto que os professores e os alunos a partir de 11 anos já poderiam ter tomado pelo menos uma dose da vacina contra a COVID-19. O prefeito da cidade de Porto Alegre, com o Decreto N° 21.422, de 18 de março de 2022, desobrigou o uso de máscaras em locais fechados, a partir desta data. Contudo, as escolas estaduais continuaram seguindo o Decreto Estadual 56.422, de 16 de março de 2022, do governo do estado do Rio Grande do Sul, o qual desobriga o uso de máscara apenas em locais abertos (ROSO, 2022), ou seja, em espaços fechados, como escolas, se mantém o uso de máscaras.

## 2 TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2019, entre os brasileiros com 10 anos ou mais de idade, 78,3% já haviam feito uso da internet até então. Mesmo com essa suposta adesão ao uso das tecnologias digitais, o ensino brasileiro ainda era considerado, naquela época, desatualizado e destoante da realidade da maioria dos alunos que passavam o dia todo se comunicando, interagindo com as mídias e buscando informações por meio de tecnologias digitais, mas chegando na sala de aula eram proibidos de utilizá-los.

Muitas escolas e professores ainda se baseiam em metodologias arcaicas de ensinagem, mesmo existindo ao lado de sua sala de aula um laboratório de informática com computadores de última geração. Eles não se permitem a entender esse processo e muito menos ter contato com ele. Educandos chegam às escolas com celulares de última geração e preferem estar a usar o facebook, ou twitter durante as aulas do que prestar atenção aos conteúdos elencados pela escola como importantes para sua formação. Os educadores preferem entender o ato de educar apenas com quadro-negro e giz e assim perpetuam um modelo já desgastado, com resultados mínimos. (SILVA; CORREA, 2014, p.27).

Apenas esse contato generalizado com a internet por parte dos alunos apontado pelas pesquisas, não foi o suficiente para que os professores e as escolas conseguissem implementar as modificações pretendidas nas práticas pedagógicas e na inclusão digital a partir das escolas. O uso das tecnologias digitais sem pensar em modificar práticas, organização e cultura tradicional da escola, é apenas dar continuidade para os obstáculos que impedem as TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) de trazer as transformações almejadas. Para Sancho (2006)

A principal dificuldade para transformar os contextos de ensino com a incorporação de tecnologias diversificadas de informação e comunicação parece se encontrar no fato de que a tipologia do ensino dominante na escola é *centrada no professor*. (p.19).

Em 2020, com a pandemia da COVID-19, o uso das tecnologias digitais foi de extrema necessidade na educação escolar, para que os envolvidos pudessem permanecer em casa, protegendo-se do contágio. Essa situação

pressionou professores e gestores a pensarem em formas de implementar as ações educativas com o uso de tecnologias digitais acessíveis a todos.

Com isso, foi criada uma modalidade de ensino que propõe estratégias didáticas utilizando tecnologias que pudessem garantir o processo de aprendizagem mesmo durante o isolamento social, em geral, denominada como Ensino Remoto. Usar as TDIC em processos educativos não era uma novidade, visto que ações de educação à distância já estão assimiladas por muitas instituições de ensino superior. Contudo, o que ocorreu com a pandemia da COVID-19, denominado de ensino remoto, não configura o mesmo que educação à distância, pois são modalidades diferentes e com diferentes estruturas de espaço e tempo e, principalmente, para o público escolar.

Em um primeiro cenário, muitos professores tiveram dificuldades em realizar a transposição do ensino tradicional e presencial para o remoto, como aponta Daniela Melaré Barros em palestra<sup>1</sup>. A autora alerta, ainda, que há dificuldade de entender os novos formatos de comunicação, de escolher a plataforma ideal e a falta de sensibilização dos docentes.

Com o constante abre e fecha de escolas e o retorno das aulas presenciais de modo parcial ou com rodízio de alunos, em 2021 alguns educadores chamaram de ensino híbrido a modalidade em que abrangia o modo presencial e também o modo remoto.

No ano mais extraordinário das nossas vidas, começamos nas escolas na sala de aula presencial, depois fomos empurrados para o ensino remoto possível e estamos no processo de retorno testando diversos formatos de modelos híbridos. (MORAN, 2021<sup>2</sup>).

Dentro do que se considera ensino híbrido, existem diversos modelos que combinam estratégias, mesclam tempo e espaço e flexibilizam propostas. De acordo com Moran (2021), “híbrido implica em repensar o currículo rígido, as metodologias ativas, a adaptação e diversificação dos espaços, o uso intensivo de tecnologias digitais, a melhoria da avaliação”<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> CONTEAD, 2021. Disponível em <http://contead.com.br>. Acesso em 21 set. 2021.

<sup>2</sup> Extraído em <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/educacao-e-midia/o-ensino-hibrido-emergencia-ou-tendencia>. Acesso em 05 out 2021.

<sup>3</sup> Extraído em [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/01/desafios\\_hibrido.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/01/desafios_hibrido.pdf). Acesso em 05 out 2021.

O ensino híbrido também tem conduzido modificações nos papéis dos indivíduos, os professores assumem uma função, para além dos planejamentos de projetos de trabalho, desenhando atividades, fazendo curadoria de materiais, desenvolvendo recursos didáticos, estruturando e orientando o processo de aprendizagem pensando na individualidade de cada aluno. Conforme Lopes; Sommer e Schmidt (2014)

O conceito de curadoria produzido no campo das artes, associado à ideia de proporcionar “estados de invenção”, articula-se muito bem com o campo da educação, à medida que pode inspirar uma epistemologia e uma prática pedagógica nos contextos educacionais capazes de superar as pressões e apelos de consumo e mercantilização do conhecimento. A curadoria, entendida como prática de socialização e mediação de saberes, carrega de potência as experiências de aprendizagem no contexto da educação on-line. (p. 70).

O aluno assume maior responsabilidade pela sua própria aprendizagem, quando o professor sai da função tradicional de transmissor e detentor do conhecimento, o que exige que o aluno passe a ser mais autônomo, participativo e atuante nas aulas. O que não é uma questão recente na história da educação brasileira, já que antes mesmo da discussão do ensino digital, esses aspectos já eram apontados por Freire (1996), “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (p.47).

Para Sancho (2006), implantar as TDIC nos processos escolares implica em adotar diferentes visões sobre a educação, como repensar no papel do aluno, repensar o conceito de conhecimento e de ensino e, ainda, repensar no modo de avaliação do aluno e de sua aprendizagem.

Tais pressurosas transformações, trazem inúmeros desafios aos docentes e às escolas, evidenciando dificuldades preexistentes na educação brasileira como condições desiguais, precariedade e necessidade de manutenção de sua infraestrutura e carecimento de políticas públicas adequadas. Além disso, ainda se observa uma educação mercantilizada, focada na avaliação rígida sob o formato de provas padronizadas, educação fora de contexto ou distante da realidade.

É preciso compreender que para que mudanças ocorram, há a necessidade de proporcionar condições básicas às escolas, aos professores e aos alunos. É preciso garantir a manutenção de equipamentos e infraestrutura da escola, internet de conexão banda larga com alta velocidade, capacitação e atualização da formação dos profissionais, que devem possuir remuneração adequada, entre outros recursos que diminuam ou eliminem barreiras que muitas das escolas brasileiras enfrentam atualmente. Assim, inicia-se o processo para alcançar uma educação mais igualitária e inclusiva que poderá proporcionar alta qualidade em qualquer modalidade de ensino.

### 3 ENSINO DE ARTES VISUAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Com a promulgação da LDB (Lei das Diretrizes e Bases da Educação) - lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, foi incluída obrigatoriamente a Educação Artística no primeiro e segundo graus, atualmente denominados de Ensino Fundamental e Ensino Médio, respectivamente.

A Lei Federal que tornou obrigatório artes nas escolas, entretanto, não pôde assimilar, como professores de arte, os artistas que tinham sido preparados pelas Escolinhas, porque para lecionar a partir da 5ª série exigia-se o grau universitário que a maioria deles não tinha. (BARBOSA, 1989).

Entretanto, foi apenas em 1973 que o Governo Federal criou, então, um curso para a formação de professores para a disciplina de Educação Artística. O curso durava apenas dois anos e contemplava conteúdos de música, desenho, teatro, desenho geométrico, artes visuais e dança, os quais eram desenvolvidos em todas (ou quase) as séries concomitantemente (BARBOSA, 1989).

Segundo a fala de Lucia Gouvêa Pimentel (2011), em vídeo sobre o histórico do ensino de arte, naquele momento o ensino de arte tinha um viés direcionado a “utilidade da vida doméstica”, e chegava nas escolas como uma disciplina que tinha como proposta práticas artesanais como a produção de presentes em datas comemorativas, decorações de festas na escola, “entre outras coisas que não são o ensino de arte” (UFMG, 2011)<sup>4</sup>.

A educação artística, bem como as práticas realizadas naquele momento, foi uma imagem marcante que os professores de artes ainda hoje tentam desconstruir. Em algumas escolas podemos observar resquícios desse tempo por meio das práticas realizadas ainda hoje, quando por exemplo, é solicitado aos professores de artes para que ajudem ou coordenem decorações da escola e de eventos escolares, ou mesmo elaborem lembranças para o dia das mães ou dos pais.

---

<sup>4</sup> Informação verbal obtida no vídeo História do Ensino da Arte no Brasil, produzido pela UFMG em 2011. Disponível em <<https://youtu.be/GXJeJmE4ns>>. Acesso em 22 de janeiro de 2022.



Começou na década de 80, um movimento questionador da disciplina de educação artística na escola brasileira. De acordo com Rossi (2006), “como forma de adesão a esse movimento, os professores de arte passaram a denominar-se de ‘arte-educadores’ e organizaram-se em associações regionais e nacionais” (p.15). A partir disso, os arte-educadores começaram a se reunir para dialogar sobre políticas educacionais e os problemas do ensino da arte no Brasil.

Os anos 80 têm sido identificados como a década da crítica da educação imposta pela ditadura militar e da pesquisa por soluções, mas estas não têm sido ainda implementadas no País porque a primeira preocupação depois da restauração da democracia em 1983 foi uma campanha por uma Nova Constituição que libertaria o País do regime autoritário (BARBOSA, 1989, S/P).

Este período marca, também, o desenvolvimento da proposta triangular por Ana Mae Barbosa, sobre a qual a autora afirma “não é nada mais, nada menos do que fazer arte, ver arte e contextualizar o que você vê e o que você faz” (UFMG, 2011)<sup>5</sup>. A proposta de Ana Mae, fundamenta-se em três eixos - contextualização histórica, fazer artístico e apreciação artística - e constitui um grande marco na arte-educação brasileira e ainda é referência para arte-educadores. E, segundo fala de Lucia Gouvêa Pimentel (UFMG, 2011)<sup>6</sup>, essa sistematização, ainda no século XXI, serve como base para todos os caminhos metodológicos do ensino das artes, principalmente das Artes Visuais.

Com a promulgação da lei 13.278 de 2 de maio de 2016, que altera o artigo 26, inciso 6º da LDB 9.394 de 20 de dezembro de 1996, o componente curricular, das escolas brasileiras, passa a ser denominado “Arte”, que é de caráter obrigatório. Uma outra alteração, talvez, a mais polêmica é sua constituição, de modo oficial, pelas quatro linguagens: artes visuais, dança, teatro e música. Esta mudança na legislação não foi compreendida por todos os envolvidos no ensino de artes e, com isso, algumas instituições passaram a exigir que docentes desenvolvessem ações abordando as quatro linguagens. Isto trouxe grande descontentamento no contexto da arte-educação, ao perceberem que as mudanças legais haviam direcionado para um ensino de

---

<sup>5</sup> Idem à nota 4.

<sup>6</sup> Idem à nota 4.

arte entendido como uma disciplina polivalente. Ainda, as carências por profissionais com formação e carências das redes de ensino resultaram em ações divergentes ao que a legislação propunha para a escola.

Para abordar o ensino de Artes Visuais na contemporaneidade foi preciso mencionar todos esses contextos históricos anteriores, pois são eles que formulam alguns dos aspectos que encontramos hoje no ensino de arte nas escolas. Segundo o volume de Arte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

No ensino de Arte no Brasil observa-se um enorme descompasso entre as práticas e a produção teórica na área, incluindo a apropriação desse conhecimento por uma parcela significativa dos professores. Tal descompasso é fruto de dificuldades de acesso a essa produção, tanto pela pequena quantidade de livros editados e divulgados sobre o assunto como pela carência de cursos de formação contínua na área. Nota-se ainda a manutenção de clichês ou práticas ultrapassadas em relação aos conhecimentos já desenvolvidos na área (BRASIL, 1998, p.29).

Para além das diferenças relacionadas aos aspectos supracitados, Rosa lavelberg (2017), aponta que no ensino de artes na pós-modernidade podem ser observados aspectos que direcionam para a construção de competências e habilidades cognitivas. Assim, busca-se despertar a sensibilidade e o pensamento crítico nas artes e outras áreas, com o empenho em compreender a diversidade cultural e refletir sobre a produção e história da arte. Além disso, nota-se nesse período, a produção e a introdução de conteúdos da arte e mundos contemporâneos, incluindo o uso das tecnologias da informação e comunicação. Alguns desses aspectos estão incluídos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que desde 2018 está em vigor norteando as ações no contexto escolar. A BNCC aponta que:

As Artes Visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. (BRASIL, 2018, p.195).

Os apontamentos acima, apesar de terem uma conotação histórica e, talvez, de um percurso formal do ensino de arte, apresentam aspectos que estão presentes no ensino de arte escolar atualmente, visto que muitos estão

impregnados nas práticas dos professores desde, e até mesmo antes, de sua formação inicial docente. E, no momento em que o espaço escolar muda do físico para o virtual, de que modo as ações foram sendo consolidadas? De que modo esses aspectos que embasam as práticas se fizeram presentes no ensino remoto?

## **4 REALIDADES DO ENSINO DE ARTE NA PANDEMIA**

O ensino de Artes Visuais possui realidades muito diferentes por diversas questões, mesmo dentro de uma cidade. Neste capítulo serão apresentados relatos de professores que poderão auxiliar na compreensão de algumas dessas realidades específicas na cidade de Porto Alegre. Para isto, foram realizadas conversas com quatro professores de Artes Visuais, formados pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuantes no ensino de artes durante a pandemia da COVID-19 em escolas localizadas em Porto Alegre.

Importante destacar que os relatos retirados das conversas não implicam em uma definição única ou representação do ensino de Artes Visuais durante a pandemia, mas sim, em uma forma de escuta do relato dessas vivências específicas e particulares a fim de ter a dimensão de como procederam e que estratégias estes indivíduos criaram para o ensino de Artes Visuais durante este período em que o ensino era remoto.

As entrevistas foram realizadas de forma online, respeitando os protocolos sanitários de prevenção à COVID-19, por meio de plataformas digitais de comunicação em chamadas de vídeo. As conversas foram gravadas com autorização prévia, e transcritas de forma automática por meio da plataforma Transkriptor. Algumas falas foram editadas posteriormente, ocultando gírias e substituindo nomes de pessoas e instituições por nomes fictícios, na intenção de preservar a identidade de todos. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido previamente, conforme modelo apresentado no Apêndice deste trabalho.

### **4.1 QUESTÕES DISPARADORAS**

Para sistematizar a conversa com os professores, foram elaboradas algumas questões ou temas que foram os disparadores da conversa. Estas estão elencadas a seguir.

### **Antes da pandemia**

- Você pode descrever um pouco sobre como ocorriam as aulas até 2019? (uso de imagens, proposições práticas e coletivas, escolha de temas e conteúdos, avaliação, debates, espaços físicos para além da sala de aula, uso de celulares, outras tecnologias (TV, DVD, internet, *softwares*, etc...)
- Você recebeu alguma capacitação para o uso das tecnologias digitais na escola?
- Como você considera o seu conhecimento na época, antes da pandemia, acerca de tecnologias digitais? Para que ações utilizava?
- Antes da pandemia, quais eram as recomendações acerca de tecnologias digitais em sala de aula? Alunos podiam utilizar? Professores utilizavam? Se sim, como as tecnologias eram utilizadas e com que aparatos?

### **Durante a pandemia**

- Na escola em que você trabalha, como ocorreu a transição do ensino presencial para o ensino remoto emergencial?
- Quais foram os maiores impactos da pandemia nas suas aulas? Como ocorreram os processos de aula?
- Quais foram os maiores desafios para você como professor/a durante a pandemia? Quais soluções você encontrou para eles?
- Com relação aos recursos utilizados para as proposições práticas, que procedimentos você criou para sua realização?
- Como ocorreram as ações de avaliação nas aulas remotas? Quais critérios foram utilizados?
- O que mudou no planejamento das aulas em modo remoto?
- Os conteúdos e temas desenvolvidos nas aulas durante a pandemia abordaram, de alguma forma, a situação atual?
- Como se deu o contato com os alunos? Havia momentos síncronos, assíncronos, ambos, ...? Como era a participação dos alunos no momentos síncronos? E nos momentos assíncronos?

- O contato com a família dos alunos foi diferente no período de pandemia? Houve uma interação com a família?
- Qual o impacto da pandemia no comportamento dos alunos (interação, comunicação entre eles)? O assunto era tema de conversa durante as aulas.
- Sobre a duração das aulas, qual o tempo de interação nos momentos síncronos? Houve alguma orientação sobre isso?
- Como foi feita a equivalência da carga horária que ocorria presencialmente para as aulas remotas?
- Que plataformas ou tecnologias da informação e comunicação foram usadas para mediar as aulas? (WhatsApp, Teams, Meet, etc...)
- Quem possibilitou esta plataforma? A instituição?
- Em caso de uso de ferramentas pessoais, como o WhatsApp, como você administrou a vida privada e profissional na mesma ferramenta?
- Como os alunos administraram o tempo das aulas? Havia um horário marcado ou faziam contato a qualquer tempo?

### **Após o segundo semestre de 2021**

- Como você percebe a experiência pandêmica na educação? Trouxe aspectos positivos? Trouxe aspectos negativos? Cite alguns.
- Como foi estruturado o retorno às atividades presenciais?
- Houve evasão dos alunos durante e após a pandemia?
- Você observou uma mudança no comportamento dos alunos com o retorno das atividades presenciais?
- No seu ponto de vista, quais estratégias empregadas ou planejadas durante a pandemia continuarão sendo utilizadas após um possível fim de pandemia?
- O uso das tecnologias digitais está sendo utilizado após a pandemia?

## 4.2 APRESENTAÇÃO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

As entrevistas foram realizadas individualmente, por chamada de vídeo. Abaixo estão algumas características acerca dos professores. Seus nomes e instituições de atuação foram substituídos por nomes fictícios na intenção de preservar sua identidade.

**Talita Jardim:** Professora de Artes Visuais, concursada na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, na qual atua. Mestre em Educação. Licenciada em Artes Visuais. Bacharel em Artes Visuais, ênfase em Escultura. Especialista em Atendimento Educacional Especializado com ênfase nos Transtornos Globais do Desenvolvimento.

**José Alves Rodrigues:** Professor de Artes Visuais, concursado na Rede Estadual de Ensino na qual leciona para o Ensino Fundamental e Médio desde 2019. Possui graduação em licenciatura e bacharelado em Artes Visuais e é Mestre em Educação.

**Laura Bonifácio:** Professora concursada e atuante na Rede Federal de Ensino desde 1998. Atualmente trabalha com Ensino Médio. Graduada em licenciatura em Educação Artística: habilitação em Artes Plásticas, Mestre em Educação.

**Gabriele da Costa:** Professora de Artes, possui graduação em licenciatura em Artes Visuais, leciona em uma escola de rede privada em Porto Alegre, nos níveis Fundamental e Médio.

As tecnologias são ferramentas que podem nos ajudar, mas que também podem nos atrapalhar. Elas são importantes mas elas não são tudo. Elas não substituem a sala de aula, o estar junto com eles, porque o aprendizado não se dá só de mim para eles. É nós juntos ali, eles com os colegas. O que implica em o quanto a escola é necessária, é importante. Claro que ela tem que se remodelar e se repensar a todo momento porque é a vida. Ela está constantemente em mudança sim. Tem muitas escolas que não se repensam, mas não é fácil, e a gente não tem muito tempo para isso enquanto professor, a carga horária é bem pesada (Talita Jardim)

Então acho que isso foi um grande aprendizado, saber se entender, saber dos próprios limites, a gente não pode tudo. Às vezes nós professores achamos que a gente pode mudar o mundo completamente e transformá-lo. Mas você é um ser humano também. Você não vai mudar o mundo completamente. Aceite isso. Você vai

conseguir plantar uma sementinha no coração de alguns estudantes, mas é pontual, mais simples do que parece. Então acho que foi esse choque de realidade, assim que eu tive nesse processo, acho que esse foi o recado que ficou (Gabriele da Costa)

Para o próximo capítulo, será realizada uma curadoria de questões relatadas a serem analisadas durante o panorama.

### **4.3 PANORAMA: DIÁLOGOS SOBRE O ENSINO DE ARTES VISUAIS**

#### **Antes da pandemia**

A conversa com os professores iniciou com a tentativa de compreender a realidade escolar antes da pandemia, em especial sobre o uso das tecnologias digitais no contexto das aulas de Artes Visuais. Nos relatos dos professores entrevistados, o uso do celular pelos alunos era permitido pelos professores, apesar das instituições terem restrições acerca do uso dos aparelhos. Como a Lei Nº 12.884, de 03 de janeiro de 2008, (publicada no DOE nº 003, de 04 de janeiro de 2008), que dispõe sobre a utilização de aparelhos de telefonia celular nos estabelecimentos da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul:

Art. 1º - Fica proibida a utilização de aparelhos de telefonia celular dentro das salas de aula, nos estabelecimentos de ensino do Estado do Rio Grande do Sul.

Parágrafo único - Os telefones celulares deverão ser mantidos desligados, enquanto as aulas estiverem sendo ministradas (Rio Grande do Sul, 2008)

Os professores alegam que a luta contra o uso de celular, nos tempos atuais, acaba sendo uma grande perda de energia. Em vista disso, eles buscam criar estratégias para o uso de celular em sala de aula de modo pedagógico e, para fins de consulta de informações, imagens, textos, sites, vídeos, entre outros tipos de mídia, o que se torna um elemento favorável para o ensino de Artes Visuais. Principalmente, pela facilidade de acesso a estas informações com o celular, já que na maioria das escolas das redes públicas, havia uma certa burocracia e algumas carências para o acesso às tecnologias



digitais, tais como: *notebook*, projetores e sala de informática. Nos relatos dos professores Talita Jardim, José Alves Rodrigues e Laura Bonifácio, educadores de escolas públicas, são apontadas barreiras que dificultam o acesso rápido, como a necessidade de solicitar aparelhos digitais antecipadamente e, ainda, marcar horário na sala de informática, que, por vezes, era disputada entre todos os professores da instituição. Por consequência disso, o planejamento de atividades que utilizavam computadores e projetores se tornava mais complicado e pouco prático, como se percebe na fala da educadora Laura Bonifácio:

A gente tem uma sala que era de informática, tem vários computadores disponíveis. É uma sala muito requisitada, a concorrência é grande para usar aquela sala, então não é muito fácil você fazer um projeto que você queira desenvolver ao longo de um trimestre, por exemplo, porque você nunca sabe se vai conseguir. (Laura Bonifácio)

Já em uma escola privada, Gabriele da Costa relata uma realidade diferente, a própria sala de aula possuía internet veloz, projetor e caixas de som, disponíveis a qualquer momento para o professor.

Além dessa diferença de disponibilidade, foi relatado que na escola estadual os computadores disponíveis, mesmo funcionando de forma operativa, estariam em obsolescência. Já na privada são oferecidos equipamentos que facilitam o desenvolvimento de habilidades com tecnologias digitais. O que é ofertado pela escola privada vai além do necessário.

O pessoal da informática disponibiliza o pacote Adobe, Minecraft, eles têm uma sala com fundo verde... Mas são coisas que não surgiram com a pandemia, isso já tinha no colégio. Eu to numa bolha de uma sociedade que tem muitas condições, a mensalidade é absurda, é quase o meu salário. Pra você ver como tem realidades muito diferentes (Gabriele da Costa).

## **Durante a pandemia**

A sobrecarga de trabalho durante a pandemia foi uma questão que não havia sido planejada nas questões disparadoras, mas foi algo que os próprios entrevistados ressaltaram durante a conversa. Talita Jardim e Laura Bonifácio

quando questionadas sobre como faziam para conciliar suas vidas profissionais com vidas pessoais, responderam:

Que vida pessoal? Era difícil, ainda mais porque a gente estava em casa, eu não sou professor negacionista. Ano passado eu fiquei doente, eu tive um problema sério de saúde foi bem difícil. E o meu companheiro é professor na UFRGS, então nós estávamos recebendo para trabalhar e para ficar em casa, então nós ficamos em casa. A gente não saía. O trabalho tomou conta da vida. Não tinha mais horário. (Talita Jardim)

Isso faz parte da minha vida pessoal, é todo dia. Eu dou uma olhada em alguns trabalhos, vou dando um retorno para eles. Não deixo tudo acumulado, porque se não fica muito cansativo. (Laura Bonifácio)

Esta sobrecarga surgiu justamente devido a pandemia e a transição para o ensino remoto, e são diversos os fatores que auxiliaram no excesso de expediente, como despreparo para dar aulas online, correção de atividades mais frequentemente devido um método da instituição de contabilizar presença *online*, dificuldades com o uso de tecnologias digitais e também a falta de limites entre a casa e o trabalho, o uso dos momentos de lazer para correção de tarefas, planejamento de aulas, entre outras questões relacionadas à vida profissional.

Viu-se que o remoto não estava dando conta, não estava funcionando, enfim, muitas queixas de estudantes, além de nós, que também não estávamos conseguindo, principalmente os colegas que têm uma dificuldade maior com a questão tecnológica. (José Alves Rodrigues)

Então essa transição, ela trouxe uma sobrecarga. Sim, porque, por exemplo, quando foi, todo mundo para o online, a forma que eles encontraram da gente marcar presença, era todos estudantes, individualmente, entregarem uma tarefa no *Moodle*. Imagina cada aula para eu contar presença? Eu vou ter que avaliar uma tarefa entregue, e aí você tem 700 estudantes. Aí toda semana você vai avaliar 700 atividades para ver se ele estava presente, sabe? (Gabriele da Costa)

Com isso, os estudantes tornaram-se uma lista enorme de avaliações para estes educadores, que já nem sequer conseguiam lembrar dos nomes dos alunos ou com quem estavam trabalhando.

As relações entre alunos e professores também foram prejudicadas com uma sensação de apatia, os rostos tornaram-se ícones em uma tela que, muitas vezes, não tinham a foto do estudante, o que dificultava a assimilação do nome e rosto do aluno.

A sala de aula é o de menos, claro que a gente teve uma questão de apatia também muito forte acontecendo, de tipo o outro chegar às 7:30 da manhã, dar bom dia e ninguém responde, você está ali, os estudantes também, sem abrir as câmeras. E então a gente acabava dando aula para íconezinhos, alguns colocavam imagens, outros não botavam fotos de perfil. Se botava foto de perfil, botava uma foto de um personagem que você nem conhece, então isso acaba não assimilando o nome e a cara. Isso foi uma questão que aconteceu. E essa questão da apatia também bateu forte. (Gabriele da Costa)

Eu não sabia com quem eu estava trabalhando. Eu não faço a menor ideia de quem é e do que faz. Se um estudante meu do passado passou por mim eu nem sei quem é essa pessoa. Porque era muito raro uma pessoa abrir a câmera na vídeo aula. As pessoas eram um símbolo, uma letrinha, uma imagem, um nome ali, além de ser um nome numa lista que eu tinha que era a chamada e acabou. (José Alves Rodrigues)

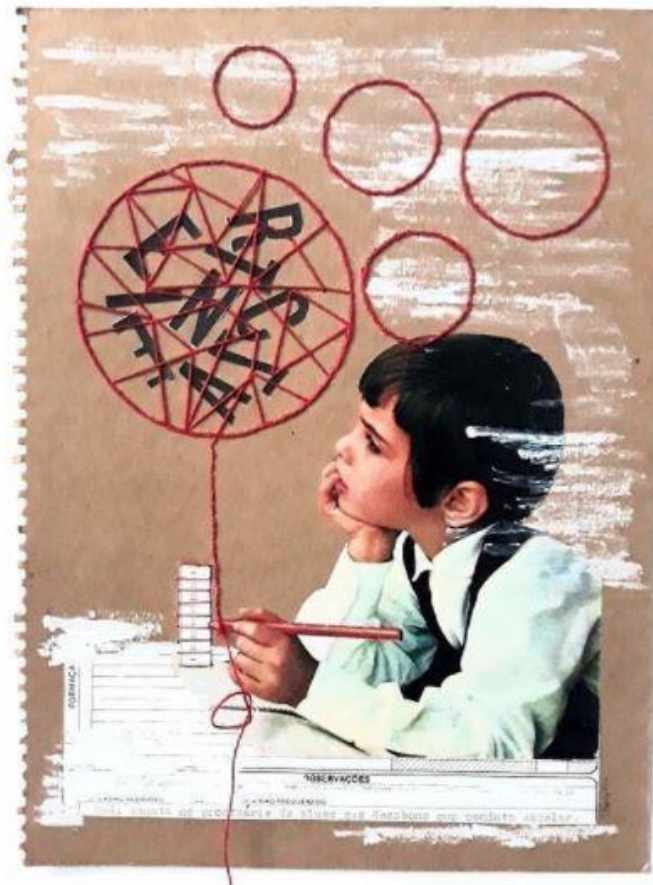
Porém, em um dos relatos, em específico, houve um comentário divergente, especificamente na Educação Infantil. Nele, a educadora Talita Jardim menciona uma aproximação maior das crianças pelos meios de comunicação virtual. Os pequenos aparentam uma melhor comunicabilidade e uma redução no acanhamento dos alunos mais tímidos por trás das telas. Além dos alunos, as famílias também tiveram uma aproximação maior da educadora neste período.

Entre eu e os alunos, de certo modo a gente ficou muito próximo. Porque numa turma de vinte, trinta alunos às vezes você não consegue dar um olhar atento para uma criança que é mais tímida. Então como a nossa comunicação era não era só nos períodos que a gente tinha de sala de aula, antes da pandemia era um dia inteiro naqueles grupos de *WhatsApp*. Teve crianças muito tímidas que conseguiram ser ouvidas. Que pelas tecnologias conseguiram se expressar melhor. Fiquei muito próxima, mais próxima dos meus alunos, do que eu era antes. E das famílias também por causa dessa interação vinte e quatro horas. E por que todo mundo estava vivendo também um momento difícil. Se apoiar, escutar o outro, dar uma palavra de consolo, carinho. (Talita Jardim)

Alguns problemas de aprendizagem foram apontados como frequentes pelos educadores durante o ensino remoto. Estes trazem a reflexão de quais serão as consequências a longo prazo destas marcas deixadas pela pandemia.

No fundamental inicial, têm as crianças que não estão se alfabetizando, que vão somente se alfabetizar ao longo do fundamental final. Vai ter reverberações em todo o ensino médio. Vão ter estudantes de ensino médio que vão ter dificuldade de interpretar um parágrafo. Tem estudante que lê muito, lê muito livros, mas tem estudantes, são poucas pessoas, mas a pessoa tem dificuldade de interpretar um parágrafo e não necessariamente um parágrafo complexo. Com a pandemia, isso aumentou muito mais. (José Alves Rodrigues)

Figura 1 - Histórico Escolar: em referência aos déficits futuros na educação pública, principalmente. A incerteza do aprendizado, sobretudo na primeira infância.



Fonte: Perfil Arte em Tempos de Pandemia no Instagram<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Série Impressões de um(a) professor(a) na pandemia: o ensino híbrido. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLhi0gzJbEg/>. Acesso em 28 mar. 2022.

Além das dificuldades para ler e interpretar textos e frases, algo que chama a atenção na fala da educadora Talita Jardim, há ainda, um prejuízo nas habilidades motoras e corporais das crianças que estão na Educação Infantil.

Então as crianças têm muita defasagem. Muita defasagem mesmo, de não entender o que você está falando, criança pequena que não sabia manusear nada. Por exemplo, uma criança no jardim B que já era para estar manuseando uma tesoura, nunca teve contato porque a família não deu. Acho que teve muita defasagem corporal. Gente que não colocava mais o corpo em certas posições e modos, porque só passava em casa. E eles estavam muito sedentos por atividades físicas e de início não podia fazer coisas coletivas. (Talita Jardim)

Observa-se que existe uma interferência familiar neste caso, de não conceder os instrumentos necessários para o desenvolvimento da coordenação motora. Sobre essa mesma circunstância, é mencionado pelo professor José Alves Rodrigues que seus alunos do Ensino Fundamental também sofrem interferências da família, que ocasionalmente fornecem um auxílio descomedido e acabam fazendo a atividade pelo aluno.

Então é muito difícil aproximar a família do Ensino Médio da escola por si só, e na pandemia é muito pior. [...] Eu não tive contato nenhum familiar durante a pandemia. Já no fundamental inicial, eu estou em todos os grupos das turmas, com familiares. Então, o contato familiar é constante, não constante, mas que está no mesmo grupo que tem familiares. As famílias ajudam as crianças dentro do possível e às vezes até fazem atividade. Vemos que a criança mal sabe usar tesoura, mas olha como está bem cortado o papel aqui. Foi engraçado, durante a pandemia, a criança fez a atividade, cortou, colou, fez aquilo tudo, daí presencial a criança não sabe usar nem uma tesoura. (José Alves Rodrigues)

A medida do contato familiar é discrepante no Ensino Médio, segundo José. Ao contrário do que é visto com turmas de crianças menores na quais o professor afirma que “eles [os familiares] ajudam até demais, às vezes até fazem o trabalho”. No Ensino Médio torna-se trabalhoso solicitar a presença dos responsáveis na escola ou na sua vida escolar na qual

[...] quase não se tem contato com a família. A família acaba sendo um ente estranho. Às vezes na entrega de boletins, a gente tem que fazer um sacrifício, um suplício para que as famílias vão, até porque uma só é uma escola central, tem bastante trânsito. Se fosse próximo também seria difícil, porque tem a questão de que os filhos já são grandes, já se viram, então acham que não tem porque ir na escola, só vão na escola se der problema. Então é muito difícil aproximar a família do Ensino Médio da escola por si só, e na pandemia é muito pior. (José Alves Rodrigues)

Importante ressaltar que essa ausência familiar na vida escolar dos alunos de Ensino Médio não são condições estritamente relacionadas com a pandemia, pois mesmo antes, as relações entre responsáveis e escola já eram limitadas. A partir disso, levanta-se a hipótese de que o fator pelo qual as crianças da Educação Infantil conseguiram melhor desempenho nas atividades escolares, segundo o relato de Talita Jardim, é que o papel de mediador e orientador do processo de desenvolvimento que se localizava no professor no ensino presencial, acabou sendo designado aos responsáveis durante o ensino remoto. Já no Ensino Médio, por exemplo, com a ausência familiar e a suposta autonomia dos adolescentes, esse papel ou é assumido pelo próprio aluno ou pode se perder e culminar em dificuldades na aprendizagem.

Nem todas as famílias conseguiram auxiliar no processo de aprendizagem, pois a falta de condições financeiras, falta de tempo para ajudar nas tarefas escolares e, por vezes, a falta de instrução da família também dificultou o aprendizado e alfabetização das crianças, que não estavam usufruindo do espaço e tempo da escola.

Também muita dificuldade de interpretação porque eles não tiveram muita leitura, porque é a escola que dá livro da leitura, que diz “vamos ler” e inventa coisa diferente, coisa louca. Em casa eles não tem tudo aquilo. Não é porque a família não quer, é porque ela nem tem condições. (Talita Jardim)

Com os pais dos alunos da escola particular nota-se uma especificidade, uma presença familiar assídua quando o aluno em questão possui necessidades especiais.

A família, ela é muito presente com os estudantes com necessidades especiais, por exemplo no sexto ano, eu tinha estudantes com Síndrome de Down. Então, esses estudantes precisavam muito da ajuda da família para conseguirem produzir certos trabalhos. Esse ano, o colégio se preocupou um pouco mais e contratou monitores que estavam ali 100% com o estudante durante a aula. Mas o ano passado não foi assim, então as famílias foram super parceiras. Mas grande parte dos estudantes eu acho que não tinha tanta interação. Não percebia muito isso no trabalho. (Gabriele da Costa)

A participação dos familiares não se resumiu ao auxílio na realização dos estudos. Tendo em vista que muitas aulas foram realizadas de modo síncrono, a casa foi exposta pelos sons e imagens, e todo esse cenário acabou fazendo parte da aula também.

Eu tive que fazer um trabalho de conseguir falar sem me afetar pelos sons e não era só os sons da criança falando, era o som da casa toda deles. Da irmã gritando, do cachorro latindo e das coisas caindo... (Talita Jardim)

Uma percepção geral dos professores entrevistados foi a diminuição drástica da participação dos alunos durante o ensino remoto. Foram poucos alunos que conseguiram continuar desempenhando atividades e acompanhar as aulas como antes da pandemia.

Dos alunos que eu conheço melhor, eles aparecem em peso, mas tipo as turmas novas, que são a 101 e a 102, nas aulas síncronas quase não tem participação. Para ter uma ideia, numa turma de 11 alunos, 4 não estão participando quase nada, não estão retornando as atividades, comparecem à aula mais ou menos uns 3 alunos. (Laura Bonifácio)

A vista disso, o professor pensou em estratégias para engajar novamente os alunos que estavam desistindo. A didática e os materiais que eram utilizados anteriormente a pandemia já não obtinham mais o mesmo êxito de modo virtual.

No início eu até fazia o material mais aproximado com aquilo que eu daria na aula, com vídeos, com entrevistas para ler, fazer uma análise de alguma coisa, escrever um texto autoral ou produzir uma coisa. Só que o problema é que o retorno estava bem baixo. Claro, você tem textos ótimos de estudantes que estão refletindo sobre as questões de cada trimestre que eu apresentava, mas esse número nem se compara com o número real de estudantes. Apenas 2 pessoas estavam fazendo as atividades. (José Alves Rodrigues)

Por conta dessa ausência na participação dos estudantes, os métodos de avaliação também precisaram ser repensados. Arslan e Lavelberg (2006)

nos lembram que a avaliação está relacionada aos processos de construção dos saberes e aprendizagens e, portanto, devem estar relacionados aos objetivos previamente definidos destacando a importância em se “considerar os modos de aprendizagem e as características pessoais de cada estudante, as condições de aprendizagem” (p.80). Se antes a avaliação era realizada ao longo das aulas, com o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos, no ensino remoto isso não foi possível. Foi preciso levar em conta os “contextos e as condições de aprendizagem” (BRASIL, 2018, 17) nos quais os alunos estavam inseridos naquele momento. Com isto, a avaliação passou a ser a partir de atividades realizadas dentro das possibilidades de cada aluno e os prazos foram estendidos. Para Moran (2021) “mesclar e flexibilizar são conceitos-chave para dar conta dos desafios atuais”<sup>8</sup>, assim foram aceitos trabalhos com atrasos de meses, trimestres, para que de alguma forma conseguissem avaliar o desempenho do estudante. O que de certa forma, fez com que o educador precisasse trabalhar em dobro, pois era necessário abrir novamente as atividades, monitorar o desenvolvimento de proposições anteriores e avaliar mais uma vez as tarefas passadas.

Mas também tem aquela grandíssima parcela dos estudantes que simplesmente somem, eles não participam. Então a gente teve que relevar muitas questões de avaliação, são coisas que não aconteciam antes, por exemplo, receber trabalhos atrasados. Ano passado eu recebi trabalho atrasado até o final do ano e a gente tinha que aceitar por diversas questões. (Gabriele da Costa)

Na escola municipal, foi preciso levar em conta as circunstâncias em que o discente está vivendo para entender que seu engajamento, ou a falta dele, não dependia exclusivamente da vontade do indivíduo estudar.

---

<sup>8</sup> Extraído em [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/01/desafios\\_hibrido.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/01/desafios_hibrido.pdf). Acesso em 05 out 2021.



A gente fala muito que foram atividades de manutenção de vínculo. Principalmente com os pequenos porque eu não tenho como avaliar um aluno que eu sei das condições financeiras, que a família está passando por um monte de situação e que ele não pode acessar. Ele não tem acesso. Porque um celular mal dá para acessar a internet. E as atividades impressas a gente sabe que aquilo não é aula. Aquilo é só tarefa para eles fazerem. Então eu não me senti apta a avaliar nenhum aluno. O aluno ou a família do aluno tinha que estar nos grupos de *WhatsApp*, pelo menos isso. E a escola tentava de todos os modos, contratar essa família. Não teve uma avaliação precisa. Porque eu não poderia não aprovar um aluno meu só porque ele não fez nada, mas também porque ele não podia fazer. Ele não tinha como acessar. (Talita Jardim)

Na escola federal, ao perceber essas tais circunstâncias, professores se mobilizaram para ajudar famílias de alunos com dificuldades financeiras, criando um projeto que distribuía doações desde computadores até cestas básicas.

Tem um projeto muito bacana que arrecadou notebook e levou para os alunos que não tinham condições. Eu não sei como é que fica a questão da internet, porque não adianta não ter internet. Assim como também estava sendo feita uma vaquinha dos professores para ajudar com cestas básicas às famílias com mais dificuldades (Laura Bonifácio)

Para Sancho (2006), além de ter acesso às tecnologias digitais, a dificuldade não fica apenas no acesso da população às tecnologias digitais, mas principalmente na capacidade de transformar essas informações que são disseminadas sem muitos critérios em um saber

A maioria das pessoas que vive no mundo tecnologicamente desenvolvido tem um acesso sem precedentes à informação; isso não significa que disponha de habilidade e do saber necessários para convertê-los em conhecimento. A produção de bens e riquezas aumentou exponencialmente; mas sua distribuição entre a população mantém e agrava as desigualdades socioculturais. (SANCHO, 2006, p.18).

A falta de participação e a evasão escolar em alguns casos acarretou em problemas mais graves, como a perda da vaga e a impossibilidade de se matricular novamente na escola, gerando mais uma preocupação ao corpo docente, a de tentar encontrar recursos para preservar a matrícula do aluno.

É que o problema da evasão é que se perde a vaga. Nós tentamos pensar em tudo quanto é mecanismo, tapeação, para tentar reduzir, amenizar. Qualquer nome da pessoa num pedaço de papel está valendo porque você sabe que vai fazer falta num momento para a pessoa. A própria supervisora colocou para nós que se o aluno perdeu contato por tantos dias e não encontrou resultado, perdeu a vaga. Pode até se matricular, mas não na mesma escola. Então tem esse problema. (José Alves Rodrigues)

A plataforma digital de gestão escolar e educação remota CórTEX, ofertada pelo município de Porto Alegre, é apontada como uma das causas de evasão escolar na rede municipal. Segundo Talita Jardim, “o CórTEX foi uma coisa que engessou e atrapalhou muito e os alunos evadiram muito por causa daquilo, porque não tinha contato”.

Diante disso, a solução encontrada foi priorizar no retorno, a presença dos alunos evadidos.

Quando a gente retornou para o presencial, a prioridade era retornar esses alunos evadidos. Esses alunos que não tinham nenhum acesso. Foram os primeiros que a gente colocou para retornar. Que a gente buscou mais de certo modo. Nem comentei o aspecto social da educação nesse momento de pandemia, porque a gente fez trezentas mil vaquinhas, distribuiu material cesta básica, não só para as nossas famílias, mas para as funcionárias que perderam seus empregos. (Talita Jardim)

O aspecto social citado acima é um dos impactos que mais se evidenciaram durante a pandemia. Para muitas famílias brasileiras, a escola pública tem um papel muito importante de assistência, fornecendo alimentação, abrigando contra a violência, apoiando emocionalmente e oferecendo inclusão cultural.

Sem falar nas crises financeiras, sanitárias, econômicas, familiares, emocionais, crianças mais expostas à situação de violência e de vulnerabilidade, alimentação, que muita gente vai para escola para comer ainda hoje. Pessoas deixaram de se alimentar porque deixaram de ir na escola. (José Alves Rodrigues)

O sentimento de estar excluindo esses alunos em vulnerabilidade social foi constante para os professores que atuavam em escolas públicas.

Pontos negativos é, as pessoas que estão sendo deixadas de lado, que não estão conseguindo acessar, que não tem condições. Não tem nem comunicação, que de repente estão se sentindo muito mal por não estar podendo participar, devem estar com medo inclusive, do que será a vida escolar. (Laura Bonifácio)

O grande mal-estar era que eu estava excluindo pessoas. De fato, estava. Eu estava excluindo pessoas que não tinham acesso ao material, que não tem acesso à internet, que não tinham celular basicamente. Até teve um momento que eu mantinha as 2 coisas. Eu mantive essa atividade mais diferenciada e o livro. Mas eu me sentia incomodado com isto porque estava dando material diferente para quem tinha condições. (José Alves Rodrigues)

Após constatar os dilemas anteriores, o que desponta como uma questão inquietante é: “como dar aula de Artes Visuais nessa conjuntura?”. Sobre a possibilidade de realizar uma aula de Artes Visuais de forma remota, Laura Bonifácio afirma que

[...] achava que não podia ter, não devia ter. Tô fora, estão ficando loucos, não pode ser! Mas aos poucos fui vendo que é possível. Não é o ideal, por exemplo eu tenho uma aluna que ela quer fazer arquitetura e ela faz desenhos de residências. E assim, como é que você vai explicar? Quer dizer, eu expliquei, eu espero que ela tenha entendido que as pedras que estão na frente da porta da casa, as que estão mais próximas de ti são maiores do que as que estão mais longe. Como vamos explicar uma perspectiva, a não ser por um tutorial que tenha na internet. Porque é difícil você não poder dizer aqui, isso aqui, olha aqui, olha de longe, como é que você tá vendo...(Laura Bonifácio)

Além das explicações, supracitadas, a dificuldade com recursos materiais, foi outro aspecto que afetou as aulas de Artes Visuais, em especial as práticas. A falta da presencialidade dificultava a orientação sobre os processos de realização das propostas e, ainda, a carência de materiais que usualmente eram fornecidos pela escola. Somado a isso, não era possível solicitar aos estudantes por motivos econômicos ou para não comprometer o isolamento social das famílias na compra de materiais e pelo *lockdown* das lojas que acontecia frequentemente.

Eu tinha que pensar na questão dos materiais, porque a maioria não tinha material em casa e mesmo a escola dando alguns kits é bem complexo, alguns não iam pegar. Pensar que, nos meus pequenos, aquilo ia passar pela família, e a família precisaria entender. Então foi assim, uma reorganização do modo de pensar a aula. Pensando na questão do tema, da provocação e pensando que isso estava dentro dum núcleo familiar que ia fazer parte daquilo porque eu não com trabalho adolescente, autônomo. (Talita Jardim)

Nota-se um cuidado na escolha da temática e nas proposições reflexivas das aulas. Ao serem questionadas se o tema pandemia havia sido abordado nas aulas de arte, as professoras Talita Jardim e Gabriele da Costa relataram uma preocupação na forma de adentrar em assuntos que pudessem piorar o estado psicológico dos estudantes, visto que a pandemia foi um grande agravador de transtornos mentais.

Então eu costumo usar esse tema como um *start* para trabalhos, teve um, por exemplo, que eu pedi para eles fazerem uma ilustração. Fiz toda uma contextualização sobre as ilustrações, elas precisavam estar baseadas numa narrativa. E aí eu trouxe a narrativa para eles me responderem uma pergunta que tinha relação com a pandemia, mas não diretamente. A pergunta era “como eu supero os desafios?” porque eu também não queria simplesmente jogar a pandemia ali como um tema. E aí eu pensei na pandemia como um desafio de vida, em vez de perguntar como a pandemia foi superada. (Gabriele da Costa)

Essa apreensão surge pela impossibilidade de estar presente acompanhando o desenvolvimento do tema pelo aluno e amparando demandas mais desconfortáveis.

Só que eu tinha que lembrar que eu não estava lá com os meus alunos, então certos temas eu não poderia abordar, porque eu não estava lá para fazer um diálogo com eles. Por exemplo, aquele trabalho Onde as Crianças Dormem<sup>9</sup>. O fotógrafo fotografou crianças do mundo inteiro mostrando onde as crianças dormem. Então é uma análise de uma vulnerabilidade social muito grande. Tem crianças com muito, crianças com nada. Mas como é que eu vou lançar isso pros meus alunos se eu não estou lá para fazer a reflexão? Para acolher certas questões que possam vir? Então teve coisas que eu tive que pensar em relação a isso. Eu tive que fazer uma curadoria de imagens bem cuidadosa. Pensando no que poderia vir de reflexão. E coisas que tivessem muito a ver com o momento mas também. Que não desestabilizassem aquele aluno. (Talita Jardim)

---

<sup>9</sup> Série do fotógrafo James Mollison “Where children sleep”, 2010.

Figura 2 - Fotografia da Série “Where Children Sleep”



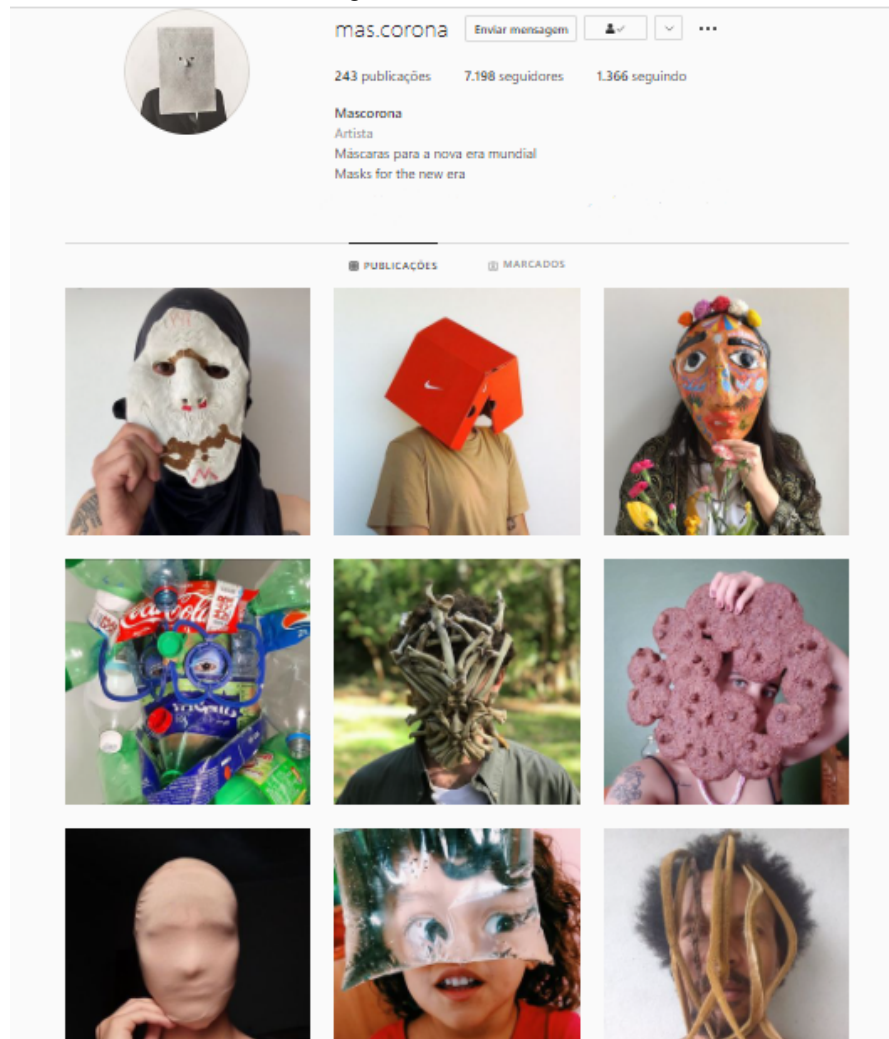
Fonte: MOLLISON; James (2010, p.108)

Nota-se que a professora teve um cuidado, tratando-se de reflexões socioculturais e econômicas com essa atividade. O trabalho de Mollison traz questionamentos acerca da desigualdade social e das diferenças culturais em crianças do mundo todo. Segundo Iavelberg (2017), a pós-modernidade, inovou-se com o objetivo de ensinar sobre a diversidade cultural e a interculturalidade presente nas obras, na sociedade e na vida dos indivíduos (p.174). Desta forma, pode-se perceber que a diversidade cultural que passou a ser tema de produções artísticas, apontou mudanças no ensino de arte a partir de sua chegada às salas de aula.

A temática pandemia também foi tratada em relação às produções artísticas que abordavam a realidade atual, como a exposição de um perfil do Instagram que exibia diversos tipos de máscaras, criadas de forma artística, para fazer conexão com o uso necessário de máscaras motivado pelo vírus.

Peguei o perfil do Mascorona<sup>10</sup>. E aí conversei com eles sobre o que era a máscara dentro da história da arte. E agora a gente precisava usar máscara. Trouxe nossa proposta do Mascorona e eles iam inventar máscaras, fotografar e fazer um vídeo se quisessem, falando sobre aquilo. Tinha uma questão que permeava a pandemia. Não sempre também, porque não dá para deprimir. As crianças já estavam depressivas, já estavam com vários problemas. (Talita Jardim)

Figura 3 - Mascorona.



Fonte: *print screen* do perfil no Instagram.

<sup>10</sup> Perfil no Instagram de um projeto que incentiva pessoas a criarem máscaras usando objetos do cotidiano. Disponível em <<https://www.instagram.com/mas.corona/>> Acesso em 08 fev. 2022.

Tem que abordar, mas também não é só isso. A gente precisa também ter uma salvação. Por exemplo, eu levei aquela música do “ano passado eu morri”<sup>11</sup>, é AmarElo do Emicida. Conversamos sobre o quanto foi difícil, o quanto a gente estava voltando, mas que não era um estado normal. Que a gente ia se reconstruir. Depois, um outro projeto que eu fiz com eles era pensar a escola a partir daquele texto e desenhar a escola. A gente sonhou a escola, como é que era, como é que vai ser, o que é que a gente está vivendo. Pros pequenos não muito. Pros pequenos era mais falar da pandemia no sentido de prevenção, dos cuidados. Já com os maiores, a gente podia entrar em coisas mais mais políticas. (Talita Jardim)

Com a professora Laura Bonifácio, estava em fase de planejamento no momento da entrevista, uma exibição dos trabalhos dos alunos de Artes Visuais na mesma temática. Laura contou que gostaria de expor muitos dos trabalhos de seus alunos, criados durante a pandemia, mas que nem todos permitem a visualização, por se tratarem de temas muito íntimos.

Eu estava pensando que temos alunos que gostam de mostrar seus trabalhos, estava pensando em fazer uma mostra com exatamente com o nome ‘Artes Visuais na Pandemia’. A gente está estudando, dando uma sondada, com os alunos. Eles sabem muito mais que eu como como fazer, e surgiu a ideia de fazer um Instagram, de repente com os trabalhos de 2020 e 21. (Laura Bonifácio)

O relato trazido por Laura, aponta evidências das práticas relacionadas ao ensino de arte, em especial ao uso de imagens, seja para realização de sua leitura e sua produção. Desta forma, percebe-se que, mesmo com todos os entraves e atravessamentos causados pela pandemia, houve um momento de produção e experimentação artística. Se, de certa forma, os vários relatos apontavam para um cenário caótico, nos quais se destacam as dificuldades dos docentes e dos alunos, nota-se que foi possível proporcionar um momento de criação. E, o que parecia um caos tornou-se um momento de reflexão e criação, oportunizando aos alunos refletir sobre o que vinha ocorrendo e sobre os meios que poderiam utilizar para compartilhar suas experimentações. De certa maneira, este relato acende uma luz que sinaliza possibilidades e potencialidades que o caos da pandemia trouxe.

---

<sup>11</sup> A música referente é “AmarElo” por Emicida, com sample de “Sujeito de Sorte” de Belchior.

## **Após o segundo semestre de 2021**

No segundo semestre de 2021, muitas escolas voltaram com as aulas presenciais novamente, embora a pandemia do COVID-19 não tivesse acabado. Isso aconteceu porque com a vacinação da população em andamento, os casos de internação estavam diminuindo. Segundo o site do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (2021), até o dia 25 de agosto de 2021, 412 municípios atingiram a meta de ter a população de 18 anos, ou mais, vacinada com pelo menos uma dose contra a COVID-19, o que representava 83% do total de cidades do Rio Grande do Sul.

Entretanto, os adolescentes entre 12 e 17 anos sem comorbidades, só começaram a ser vacinados em setembro de 2021, e as crianças entre 5 e 11 anos só receberam a vacinação em janeiro de 2022. No dia em que a educadora Laura Bonifácio foi entrevistada, em outubro de 2021, seu colégio era o único dos entrevistados que ainda estava em Ensino Remoto.

Apesar do medo da contaminação, e do fato das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental e da Educação Infantil ainda não terem sido vacinadas, notou-se uma apreensão dos educadores em continuar de forma *online*. Por uma questão que iniciou durante o ensino remoto e perdura ainda no ensino presencial, segundo os relatos, as implicações para a saúde mental dos alunos e até dos próprios professores fizeram com que a volta do presencial fosse levada em consideração.

A Biblioteca Virtual em Saúde, do Ministério da Saúde, divide as consequências da pandemia em quatro ondas e indica que a quarta onda inclui o aumento de transtornos e traumas suscitados pela pandemia e sua repercussão:



O aumento dos sintomas psíquicos e dos transtornos mentais durante a pandemia pode ocorrer por diversas causas. Dentre elas, pode-se destacar a ação direta do vírus da COVID-19 no sistema nervoso central, as experiências traumáticas associadas à infecção ou à morte de pessoas próximas, o estresse induzido pela mudança na rotina devido às medidas de distanciamento social ou pelas consequências econômicas, na rotina de trabalho ou nas relações afetivas e, por fim, a interrupção de tratamento por dificuldades de acesso. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Muitas das sequelas presentes nos alunos puderam ser percebidas pelos professores durante as aulas *online*. E mesmo com o retorno do ensino presencial, esses indícios se encontram presentes

A sociabilidade deles mudou. Tiveram alguns estudantes, que é até engraçado, porque eles vão retornando aos poucos agora e eles estão nesse processo de crescimento, aí você olha, você nem reconhece mais quem eles são. Mas percebo muitos cabisbaixos, com os ombros relaxados, eles sentam na cadeira, ficam com aquela cara. Na parte da manhã inteira, eles aparentam estar cansados e cabisbaixos. Muitos estudantes afastados com atestado de depressão, muitos internados em hospitais, alguns, inclusive faziam aulas do hospital. E então isso aconteceu bastante. Casos de depressão, estudante medicado, criança de sexto ano, super cedo. Isso apareceu muito assim, foi uma coisa triste, uma realidade meio triste. Alguns vieram e me relataram questões de certas fobias, pânico para esse retorno assim. (Gabriele da Costa).

É relatado o caso de uma estudante que teria um ótimo histórico de aprendizagem antes da pandemia, porém foi impactado fortemente com ensino remoto.

[...] a coisa que mais me choca, mais me chama atenção, são esses problemas emocionais que eles estão atravessando. Tem uma aluna que é especial, de tanta capacidade que ela tem de observação, ela é maravilhosa. Mas ela não fez nada esse ano porque não teve condições. Se não fez nas Artes Visuais, você imagina no resto. (Laura Bonifácio).

Percepções do desenvolvimento ou agravamento de transtornos alimentares e transtornos mentais como depressão e ansiedade nos alunos são citados nas entrevistas.

Tive muitos alunos que eu sei que durante a pandemia tiveram muitos problemas de depressão, de engordar, tinha muita criança engordou, porque só ficou comendo, de ansiedade. (Talita Jardim).

O Ensino Remoto é descrito como ineficaz e disfuncional, sobretudo no ano de 2020, no qual ocorreu a transição do presencial para o remoto e pouco se tinha conhecimento sobre como lidar com a situação.

Remoto ele não funcionou, mas foi generalizada, foi trágico em todos os sentidos, principalmente em 2020. 2020 foi um caos generalizado entre docentes e estudantes, sem comparação. Tanto no uso, quanto na falta de sentido da coisa, não estavam aprendendo, não estavam entendendo. Fora os que tiveram ansiedade, depressão e por aí vai, de ordem emocional. (José Alves Rodrigues)

Com todas essas adversidades descritas anteriormente, o ensino de Artes Visuais durante a pandemia tornou-se um grande desafio aos docentes, trazendo assim reflexões acerca da escola, do ensino da arte e do próprio corpo docente.

Acho que um ponto a ser destacado é as famílias verem o que a gente faz e verem a importância e que não é só desenhar. E eu sempre deixei muito claro, a arte era uma forma de pensamento sobre e com o mundo, não era simplesmente um fazer, não me importava a criança saber desenhar ou saber fazer algo. Eu trouxe muita coisa pras famílias para elas entenderem que eu não queria o desenho que a mãe fez e a criança só pintou. E isso foi uma construção bem legal. Elas viram o que a gente fazia, acho que as famílias viram o nosso empenho, viram a nossa necessidade na época que elas quase surtaram com as crianças em casa. E viram homeschooling não é só jogar conteúdo numa criança, tem toda uma experiência, uma vivência, e do quanto professor é importante, enquanto mediador disso tudo, essa pandemia mostrou muito. Mas também ela mostrou muitas defasagens, o quanto os alunos do ensino público estão a par numa sociedade digital. (Talita Jardim)

Entende-se na citação acima, que surgiu um possível reconhecimento e compreensão do trabalho do professor e do ensino de Artes Visuais pela família dos alunos, perante a situação pandêmica. Contudo, existe uma leitura antagônica do ponto de vista do professor José Alves Rodrigues, que considera não haver nenhuma contribuição frutífera da pandemia para a educação.

[...] eu sou completamente contrário ao discurso de que a pandemia colaborou, seja lá no que for. Só trouxe desgraça, miséria, o inferno na Terra, então não tem. Aumentou tudo, tudo de desgraça que podia existir e o que não tinha, se criou. E é uma bola de neve de desgraça. Por mais que digam que a pandemia fez as cidades valorizarem mais a figura do professor. Mentira. Isso para mim é balela. Eu tenho um pontinho positivo num, num mar de desgraça. Não compensa nessa balança. Aumentou a evasão escolar e aumentou a defasagem dessa relação idade/série e conteúdos, de o que a criança deve saber naquela idade. (José Alves Rodrigues)

As vivências dos educadores entrevistados trazem ponderações sobre a docência e suas necessidades, a importância da reflexão e do planejamento e, principalmente, de ter tempo para aprender com suas próprias experiências, como se percebe no relato abaixo.

Também mostrou o quanto é importante o professor ter tempo para planejamento, e o quanto isso faz a suas aulas serem mais potentes. É muito importante o professor ter menos carga horária presencial e ter um pouquinho mais de momento de planejamento. Eu acho que até em um turno de trabalho você tem que ter um período entre uma turma e outra para você parar e refletir aquilo que aconteceu, escrever, fazer um diário de bordo, para você ver o que não deu, o que deu, o que você tem que mudar, o que está bom. (Talita Jardim)

Ainda, é comentado sobre a desilusão de tentar reproduzir a ideia de professor salvador, e do mito do professor herói, aquele que precisa dar conta, e dá, de inúmeras funções que não o cabem para supostamente transformar o mundo em um lugar melhor. Silva e Correa (2014) problematizam essa concepção

São muitas as discussões sobre o papel do professor na atualidade. Ele precisa ser pai, mãe, psicólogo, assistente social e tudo mais que a sociedade exigir. Isso contribui para que a escola seja vista como única fonte do saber, o que não é verdade, e aja a partir dessa perspectiva na formação dos sujeitos. Cabe aqui, uma crítica ao famoso “sistema” que joga tudo de cima para baixo empurrando métodos educativos sem providenciar os meios para sua execução. (p.31).

Existem transformações possíveis a partir do papel do educador, mas é preciso reconhecer limitações e de questões que fogem do seu próprio poder de escolha.

Então acho que isso foi um grande aprendizado, saber se entender, saber dos próprios limites, a gente não pode tudo. Às vezes nós professores achamos que a gente pode mudar o mundo completamente e transformá-lo. Mas você é um ser humano também. Você não vai mudar o mundo completamente. Aceite isso. Você vai conseguir plantar uma sementinha no coração de alguns estudantes, mas é pontual, mais simples do que parece. Então acho que foi esse choque de realidade, assim que eu tive nesse processo, acho que esse foi o recado que ficou. (Gabriele da Costa)

O sentimento de frustração acaba gerando sofrimento aos profissionais da educação, que se sentem incapazes e decepcionados com seu trabalho quando não conseguem lidar com a sensação de descontentamento.

[...] fazer dentro do possível o que der para tentar reduzir isso de alguma forma. No cotidiano escolar, dentro do espaço do contrato, tentar reduzir isso, amenizar o estrago. E não se frustrando, não sofrendo, porque você não é capaz de eliminar porque não cabe ao teu poder individual, mas o pessoal começa a sofrer na escola, por não estar conseguindo dar aula, estar se sentindo frustrado, as rodas de conversas de professores parecem um roda de terapia coletiva. Mas não é uma coisa individual, um problema individual que você vai resolver, é nacional, é global, é histórico, não vai ser nessa virada de ano que vai reduzir. Isso não quer dizer que a gente vai lavar as mãos e deixar seguir tudo como está, mas tentar se mover e fazer coisas dentro do possível, sabendo que as coisas extrapolam, é a ação individual local e demanda de investimentos de ordem pública, a longo prazo. (José Alves Rodrigues)

A reflexão extraída dos pareceres, traz a ideia de lidar com aquilo que se tem, na sua própria possibilidade, reconhecendo limitações próprias e limitações da instituição, considerando fazer o melhor, mas lembrando do melhor que é plausível dentro da sua própria realidade.

Como ponto positivo é acreditar que é possível dar aulas de Artes Visuais a distância, não a contento, mas dentro dessa necessidade que eu ouvi, então eu aprendi isso e acho que talvez isso possa acabar sendo utilizado também junto com as aulas presenciais. Não sei como ainda, mas creio que sim. Me senti capaz, foi bom também. A princípio, eu achava que eu não ia conseguir. (Laura Bonifácio)

Laura aponta que existem possibilidades, antes não vislumbradas por ela. Como mencionado anteriormente, processos pedagógicos escolares não incluíam ações mediadas pelas TDIC. E, por isso, as “tecnologias foram e estão sendo utilizadas numa perspectiva meramente instrumental, reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino apenas transmissivo” (MOREIRA, HENRIQUES, BARROS, 2020, p. 352). Para que as TDIC sejam integradas às ações pedagógicas presenciais é preciso que haja investimento estrutural e na formação docente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o decorrer do momento histórico atual, um período de crises acrescido pela pandemia da COVID-19, instigou-se elaborar estudos que pudessem narrar a atuação de professores de Artes Visuais de Porto Alegre, buscando observar pontos em comum, divergências e analisá-lo à luz dos estudos teóricos selecionados para esta pesquisa.

Com a pandemia da COVID-19, foi necessária a permanência da população em suas casas, surgindo assim o Ensino Remoto, o qual necessitou, para seu andamento, a utilização de diferentes tecnologias, digitais e analógicas, para sua efetivação. Durante o estudo do capítulo Tecnologias Digitais na Educação, observou-se, a partir das leituras realizadas e das falas dos autores estudados, que o ensino era desatualizado e incoerente, visto que as tecnologias digitais, já integradas à sociedade, não eram utilizadas e, até mesmo, eram proibidas em sala de aula. Entretanto, o que se observou nas falas dos professores entrevistados foi, na verdade, a abdicação desta proibição, e principalmente, a construção de estratégias para integração das tecnologias digitais de modo que fossem favoráveis ao ensino das Artes Visuais. Os professores relataram que já haviam se dado conta dessa discrepância de realidade, e que se torna quase impossível proibir o uso de tecnologias digitais em tempos em que as utilizamos para tudo.

Ainda, constatou-se que o uso, a inovação e a atualização nas ferramentas digitais que possibilitam um melhor aprendizado em sala de aula, não ocorriam com facilidade no ensino público, antes da pandemia, porque existiam inúmeras barreiras que dificultavam o caminho do professor que buscava tais aspectos. É injusto apontar a responsabilidade pela perpetuação das metodologias arcaicas de ensinagem apenas no indivíduo professor, visto que as condições para que ele busque fazer diferente não são propícias.

As modificações nas práticas, a flexibilização nas avaliações, a reflexão acerca do currículo e das didáticas, apontadas pelos autores como essenciais

para a introdução das tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino, foram encontradas durante os relatos. Os entrevistados citaram, ter repensado seus planejamentos, atividades, avaliações, práticas, materiais, plataformas digitais e temas, diversas vezes durante o ensino remoto e híbrido. Também demonstraram extrema preocupação com a aprendizagem e com o bem-estar dos alunos, procurando novas adaptações e modificações que trouxessem engajamento às aulas.

No ensino *online*, segundo os relatos dos professores, os papéis de aluno e professor se modificaram, como apontava Moran (2021), o aluno passa a ser mais responsável pelo seu próprio aprendizado. Entretanto, nem todos os alunos conseguiram dar conta dessa responsabilidade, e dessa incumbência de ser um aluno mais ativo e autônomo. Sobre isso, podem ser destacados inúmeros motivos, como a necessidade de auxiliar nas tarefas domésticas, trabalhar, o surgimento de transtornos psicológicos causados pela pandemia ou pela perda de familiares, falta de acesso à internet/computador/celular, dificuldades com aparatos tecnológicos, etc. Com isso, muitos alunos acabaram com atrasos, defasagens, dificuldades de aprendizagem, evasão e até mesmo perdendo sua vaga na escola.

Além disso, constata-se que as condições financeiras dos alunos foram um fator de impacto na aprendizagem, visto que se fazia necessário o uso de tecnologias digitais como um bom computador, um celular com boa memória, internet veloz e banda larga, microfone e *webcam*. Além disso, muitos sofreram com a falta de alimentos, famílias desempregadas e em crise financeira acarretada pela pandemia. Mesmo com poucas possibilidades de auxiliar os alunos nesse caso, muitos professores se mobilizaram para conseguir aparatos tecnológicos, cestas básicas e se mostrarem disponíveis para ajudar as famílias mais carentes. Desta forma, o abismo entre pobreza e riqueza mostrou-se muito maior. Aqueles que já não tinham condições, sofreram um impacto muito maior da pandemia. Enfrentando tantas dificuldades para ter o

mínimo para sua sobrevivência, alcançar sucesso e ascensão social por meio dos estudos fica cada vez mais distante da realidade para alunos mais pobres.

Destaca-se entre as dificuldades enfrentadas pelos entrevistados, a sobrecarga de trabalho durante a pandemia, causada por um conjunto de fatores como a transição do ensino presencial para o ensino remoto, a necessidade de replanejamentos, a falta de instrução para uso de tecnologias, a constante necessidade de avaliações e o despreparo para ser um docente que atua de modo remoto. Com essa sobrecarga, os alunos acabaram sendo vistos apenas como uma lista de nomes, era uma grande quantidade de alunos, uma grande quantidade de tempo, uma grande quantidade de avaliações e, com isso, a quantidade prejudicou a qualidade do trabalho dos professores. Surgiu então uma grande apatia que abateu as relações entre alunos e professores, prejudicando não só o ensino, como também a aprendizagem.

Dentre os comentários, destaca-se uma experiência divergente dos demais, na qual houve uma boa relação entre a professora e os alunos durante o ensino remoto. Essa diferença parece ser pelo fato dos alunos serem exclusivamente crianças pequenas, onde a abordagem é completamente diferente. Além disso, na Educação Infantil existe uma conexão e participação maior da família, pois é necessário que se faça uma mediação das tarefas com crianças pequenas porque estas ainda não têm a autonomia suficiente para realizar de forma individual.

Alguns professores no início do ensino remoto, acreditavam que era impossível realizar uma aula de Artes Visuais de modo online, pela falta da presencialidade, do estar juntos e presentes em um mesmo espaço e tempo, principalmente nas aulas práticas que necessitam do toque, do olhar e da perspectiva real no trabalho. Foi preciso adaptar-se às condições possíveis no momento, pode se dizer quem em suma o ensino remoto foi uma constante adaptação e aprimoramento de estratégias para os professores de Artes Visuais entrevistados. A curadoria de temas propostos nas aulas precisou ser

extremamente cuidadosa, visto que muitos alunos estavam enfrentando transtornos psicológicos e demonstravam muitas fragilidades emocionais..

Após notarem a falta de engajamento e a dificuldade dos alunos em persistir nos estudos, os professores tentaram modificar e melhorar suas estratégias de ensino, seus materiais e flexibilizaram diversos aspectos para tentar amparar pelo menos alguns estudantes que se encontravam desorientados. Em geral, o ensino remoto foi um grande desafio para os entrevistados, que viram inúmeros pontos negativos trazidos por este cenário e o descreveram como um processo extremamente árduo. Como ponto positivo, os professores se sentiram capazes de enfrentar desafios na docência e no caso em que a professora sentiu que a disciplina de Artes teve maior visibilidade. Ela atentou, ainda, que foi possível tentar desconstruir a visão focada no resultado final que se tem nas aulas de Artes. Neste cenário, trazido pelos docentes, percebeu-se que não existiu uma estratégia ou metodologia única que permeou o ensino remoto, e sim, um conjunto de ações e adaptações que movimentam-se, a todo tempo, à procura de desenvolvimento conforme as dificuldades encontradas durante o processo.

Além disso, a conjuntura de pandemia, as crises, a falta de recursos e outras dificuldades citadas durante este estudo, pouco possibilitaram tempo e tranquilidade para que os professores pudessem parar para pensar em estratégias mais elaboradas. Os professores estavam tão preocupados em solucionar condições essenciais para que as aulas minimamente acontecessem que, por vezes, pensar em grandes produções ficaram em segundo plano. Existiram muitas limitações que nem sempre conseguiram ser solucionadas, mas ter consciência de que nem tudo está sob o seu controle faz parte do processo de ser docente.

Nossa sociedade, de modo geral, criou uma imagem de professor herói, ou seja, aquele que tem o poder de salvar o mundo de todos os males. Com isso, muitos professores acabam se frustrando e se decepcionando, pois não existem superpoderes docentes, ou como já disse Paulo Freire é preciso



transformar as pessoas para que elas transformem. Não faz parte do papel do educador salvar o mundo, é preciso reconhecer limitações próprias e do meio em que se está inserido, saber que sim, pode-se transformar pessoas com a educação, mas acontece de forma mais pontual e leve. Não é necessário exaurir-se e cobrar-se constantemente para gerar grandes mudanças, tais expectativas acabam gerando grande frustração no momento em se depara com dificuldades que não estão ao seu alcance.

No momento atual, primeiro semestre de 2022, mesmo que em uma fase não tão alarmante, a COVID-19 ainda se faz presente em nosso cotidiano. Entretanto, é possível observar alguns sinais de detrimento, na educação formal, causados pela conjuntura de pandemia. Uma das questões que foram mais destacadas nas falas dos entrevistados, foram os problemas de aprendizagem que culminaram em diversas defasagens, de leitura, de escrita, de interpretação e até mesmo corporal, interferindo no andamento de aulas práticas.

O questionamento que fica, talvez para estudos futuros, seria qual o tamanho do desfalque que ficará na aprendizagem desses alunos que estavam em momento escolar durante a pandemia e quais as reverberações dessas defasagem no ensino de Artes Visuais.

## REFERÊNCIAS

ARSLAN, Luciana M; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de Arte**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**: realidade hoje e expectativas futuras. 1989. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141989000300010>>

BARBOSA, Ana Mae. **A importância da imagem no ensino da arte**: Diferentes metodologias, In: A imagem no ensino da arte: Anos 80 e novos tempos, São Paulo Perspectiva, 1991.

BARROS, Daniela Melaré V. (2020) **Cenários para educação online**: tendências e perspectivas pós COVID-19 entendendo o ensino remoto presencial. In: CONGRESSO ONLINE DAS TECNOLOGIAS DO ENSINO A DISTÂNCIA. Disponível em <<http://contead.com.br>>. Acesso em 21 set 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 5.692/1971. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em 03 de fev. de 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998. 116 p. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12657%3Aparametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12657%3Aparametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859)> Acesso em 31 jan. de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOVERNO DO ESTADO (Rio Grande do Sul). **Mais da metade da população de adolescentes já foi vacinada contra a COVID-19 no RS**. Porto Alegre: Secom, 13 out. 2021. Disponível em: <<https://estado.rs.gov.br/mais-da-metade-da-populacao-de-adolescentes-ja-foi-vacinada-contr-a-COVID-19-no-rs>>. Acesso em: 5 abr. 2022.

IABELBERG, Rosa. **Arte/educação modernista e pós-modernista**. Porto Alegre: Penso, 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Uso de internet, televisão e celular no Brasil**. IBGEeduca: c2021. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>> Acesso em 21 set 2021.

KANNENBERG, Vanessa; SCARTON, Suzy. **Balanco da imunização: 83% dos municípios alcançaram a meta de vacinar a população com 18 anos ou mais: Governo havia estimado imunizar toda população gaúcha vacinável até 25 de agosto**. FLACH, Marcelo (ed.). Porto Alegre - RS, 26 ago. 2021. Disponível em: <<https://estado.rs.gov.br/balanco-da-imunizacao-83-dos-municipios-alcancaram-a-meta-de-vacinar-a-populacao-com-18-anos-ou-mais>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

LOPES, Daniel de Queiroz; SOMMER, Luis Henrique; SCHMIDT, Saraí. Professor-propositor:: a curadoria como estratégia para a docência on-line. **Educação & Linguagem**, [s. l.], v. 17, n. 2, Jul./Dez. 2014.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Saiba o que ensinar em arte agora, pergunte-me como ou dos caminhos possíveis a seguir. In: ICLE, Gilberto (Org.). **Pedagogia da arte: entre-lugares da escola**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. p. 41-56.

MARTINS, Mirian Celeste (coord.). **Curadoria educativa: inventando conversas**. Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). Biblioteca Virtual em Saúde. **Saúde mental e a pandemia de COVID-19**. [S. l.], 2021. Disponível em: <<https://bvsmms.saude.gov.br/saude-mental-e-a-pandemia-de-COVID-19/>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

MOLLISON, James. **Where Children Sleep**. Londres: Chris Boot Ltd, 2010. 65 p. Disponível em: <[https://issuu.com/chrisboot/docs/where\\_children\\_sleep\\_by\\_james\\_mollison](https://issuu.com/chrisboot/docs/where_children_sleep_by_james_mollison)>. Acesso em: 5 abr. 2022.

MORAN, José. **Avanços e desafios na educação híbrida**. In: Seminário online “Inovando na educação com modelos flexíveis”, 2021. Disponível em <[http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/01/desafios\\_hibrido.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/01/desafios_hibrido.pdf)>. Acesso em 21 set 2021.

MORAN, José. O Ensino Híbrido: emergência ou tendência?. In **Gazeta do Povo**, [S. l.], 15 mar. 2021. Vozes: Educação e Mídia. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/educacao-e-midia/o-ensino-hibrido-e-emergencia-ou-tendencia/>>. Acesso em: 21 set. 2021.

MOREIRA, J. A.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. In **Dialogia**, 34, 351-364. Disponível em <<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/17123>>. Acesso em 26 abr 2022.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei Nº 12.884**, de 03 de janeiro de 2008. Diário oficial do estado do Rio Grande do Sul, Poder Executivo, Porto Alegre/RS. Seção 1 n/003, de 04 de janeiro de 2008.

ROSO, Larissa. **Porto Alegre acaba com obrigatoriedade de máscara em locais fechados**. GZH, Porto Alegre, p. 1-2, 18 mar. 2022. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2022/03/porto-alegre-acaba-com-obrigatoriedade-de-mascara-em-locais-fechados-cl0whhofm002l0165v0m520xv.html>>. Acesso em: 5 abr. 2022.

ROSSI, Maria Helena Wagner. Leitura Estética. In: **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2006. (p.13-24)

SANCHO, Juana María. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SECRETARIA DE SAÚDE (Rio Grande do Sul). **Vacinação de crianças começa dia 19 simultaneamente em todo o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 10 jan. 2022. Disponível em: <<https://saude.rs.gov.br/vacinacao-de-criancas-comeca-dia-19-simultaneamente-em-todo-o-rio-grande-do-sul>>. Acesso em: 5 abr. 2022.

SILVA, Renildo Franco da; CORREA, Emilce Sena. Novas Tecnologias E Educação: A Evolução Do Processo De Ensino E Aprendizagem Na Sociedade Contemporânea. In **Educação & Linguagem**, São Paulo, n. 1, p. 23 - 35, 2014. Disponível em: <<https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2014/12/2Artigo1.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2021.

UFMG. **História do Ensino da Arte no Brasil**. Direção: Filipe Chaves. Produção: Edgard Paiva, Filipe Chaves e Gabriela Gontijo. Roteiro: Filipe Chaves. Belo Horizonte: UFMG, 2011. (20 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GXJeJjmE4ns&list=WL&index=1>>. Acesso em 22 jan. 2022.

## **APÊNDICE**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

#### **PARTICIPANTE**

**PESQUISA: O ensino de Artes Visuais durante a pandemia: um estudo nas redes de Porto Alegre**

**PESQUISADORA: Carolina Avena Garcia de Oliveira**

**ORIENTAÇÃO: Dorcas Janice Weber**

Prezado(a) Sr(a)

Estamos desenvolvendo uma pesquisa denominada “O ensino de Artes Visuais durante a pandemia: um estudo nas redes de Porto Alegre”, realizada por Carolina Avena Garcia de Oliveira, aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais, como parte do Trabalho de Conclusão de Curso sob a orientação da Profª Drª Dorcas Janice Weber professora do Departamento de Ensino e Currículo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Você está sendo convidado(a) a participar deste estudo. A seguir, esclarecemos e descrevemos as condições e objetivos do estudo:

**NATUREZA DA PESQUISA:** Esta é uma pesquisa que tem como finalidade investigar e compreender como as atividades relacionadas ao ensino de Artes Visuais no contexto escolar foram adaptados e realizados no período da pandemia da COVID-19.

**PARTICIPANTES DA PESQUISA:** Participarão desta pesquisa professores de Artes Visuais atuantes em escolas brasileiras.

**ENVOLVIMENTO NA PESQUISA:** Ao participar deste estudo você será convidado a participar de uma entrevista na qual serão feitas perguntas a respeito da atuação docente em meio à pandemia. É previsto o tempo de, em média, 60 minutos para sua realização. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo podem entrar em contato com Carolina Avena G.O. pelo e-mail [avenacarol@gmail.com](mailto:avenacarol@gmail.com).

**SOBRE O QUESTIONÁRIO/ENTREVISTA:** Serão solicitadas algumas informações básicas/perguntas sobre ações práticas que são desenvolvidas em sua ação docente, tanto àquelas que se referem ao planejamento como aquelas que ocorrem na sala de aula.

**CONFIDENCIALIDADE:** Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Trataremos todas as informações sem que haja identificação de particularidades de cada entrevistado. Os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho expostos acima, incluindo a possível publicação na literatura científica especializada.

**BENEFÍCIOS:** Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outros docentes, em atuação ou em formação, de modo que possam construir outras formas de ação docente.

**PAGAMENTO:** Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

Desde já, agradecemos a atenção e a da participação. Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelos emails: [avenacarol@gmail.com](mailto:avenacarol@gmail.com), [dorcass.weber@ufrgs.br](mailto:dorcass.weber@ufrgs.br) e ao Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS (51) 3308 3738. [etica@propeq.ufrgs.br](mailto:etica@propeq.ufrgs.br) Av. Paulo Gama, 110, Sala 311 Prédio Anexo I da Reitoria - Campus Centro Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060

#### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, \_\_\_\_\_, entendi os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em participar.

Local e data: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do participante)

Eu, Carolina Avena Garcia de Oliveira, membro da equipe do projeto “O ensino de Artes Visuais durante a pandemia: um estudo nas redes de Porto Alegre”, obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento Livre e Esclarecido do sujeito da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Professora orientadora